

CARTA DE LISBOA

Lisboa, 12 — Um céu claro; um sol radioso; mas um frio e um vento que trespassam. Quero vêr se aquece mais o dia e a ventania abate, para ir dar um pequeno passeio. Prefiro escrever-lhes agora a fazel-o no regresso, porque receio chegar tarde e cansado. As horas que escrevo ainda não tenho notícias diversas das que leio nos jornaes. E, estas, vêm d'uma pobreza franciscana. Apenas sei que se está em pleno congresso evolucionista, e que se prepara, logo, uma manifestação ao governo.

Aproveitaria a manhã de hoje para lhes falar do Integralismo, se não estivesse prohibido pelo sr. Hipolito Raposo, joven homem de letras a quem me referi com encarecimento n'aquella mesma carta do «Janeiro» que lhe agulou tamanhas coleras contra mim. O caso é este: o sr. Raposo enviou ao «Janeiro» uma longuissima carta que, por attenção decerto a um seu velho, bem que modestissimo collaborador, os meus queridos collegas não publicaram. A carta deve ser a mesma que antehontem tomava duas ou tres columnas da «Nação»; comprehende-se, portanto, que o não fizessem. Eu não tivera briga alguma com aquelle moço escriptor e elle veio metter-se n'uma desenfastada caturreira com o intelligente e bem educado sr. Luiz Vieira de Castro, e eu até fôra por vezes dispensador de boas referencias ao sr. Raposo, a quem nunca disse frase de descortezia; com que direito vinha requerer a publicação de carta sua, e de sobreceño vincado, o illustre campeador Integralista? Não tinha o sr. Raposo o menor jus a molestar-se. Mas, publicando a carta na «Nação», que lh'a acolheu solícita por paridade de ideias, brada minazmente:

«Restava-me agora, por ultima surpresa, que o sr. conselheiro Alpoim ainda se referisse a nós e á nossa doutrina politica no jornal onde a amizade affectuosa dos seus directores o poupa ás devidas correcções.»

Como hei-de falar, aos meus leitores do Integralismo, se o sr. Raposo é capaz de me fôr o agudo dente, com que de noite o seu homonimo commette proezas em capoeiras, na mão ousada e gottosa? Remetto-me a prudente silencio! E digo apenas como na *Ode Triunfal* do «Orfeu», que é órgão do Integralismo em verso — perdão, valha-me Deus! — do «Paulismo» poetico:

Hup lá, hup lá, hup-lá-hô, hup lá!
He-ha! He-hô! Ho-o-o-o-o!
Z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Não posso ter outros commentarios senão estes de paginas 83 do «Orfeu», órgão do «Paulismo», revista trimestral de litteratura, que muito aconselho aos leitores que amam as boas letras e acaso soffram tambem de litíase biliar. Não falo mais no «Paulismo» em prosa — nossa Senhora me valha! — no Integralismo Nacional. Esta similhaça de vocabulos origina, sem eu querer, uma confusão perigosa! Ora como preteide o joven publicista que eu discuta a sua doutrina politica, se apenas tenho o «Janeiro» ao meu dispôr? Mas o sr. Raposo prohibiu-me de lhe falar aqui no seu Integralismo calo-me. Não deve

entrar-se em desavenças com rapazes; lá diz o adagio: quem se mette com rapazes fica sempre... esterçado. Não é propriamente assim a locução popular. Mas nós não vivemos já no bom tempo do *Auto da Fama*, quando Gil Vicente, diante da «mul catolica e Serenissima Rainha D. Leonor», dizia as coisas ao vivo, em frases que não rescendem rosas.

Não discutirei, pois, o Integralismo, visto que o sr. Raposo me tolhe o fazel-o aqui; e apenas ousarei fazer alguns reparos, a affirmações da sua carta, n'este tom resignado em que falo. O sr. Raposo põe em tanalhos, no seu artigo, a Gomes Freire, o supplicado da torre de S. Julião da Barra, e esposteja Manuel Fernandes Tomaz, que até hoje tem sido acatado como o austero patriarca da Liberdade; o que é que elle não faria de mim? Ora reparem n'este desdem flagellador, usado pelo sr. dr. Hipolito, tão brando de nome:

«Eu não sei se v. ex.^a, do repouso da sua cansada poltrona, chega a ter direito de censurar a mocidade que nada tem nem quer ter de commum com os seus ideaes politicos passados, presentes ou futuros.»

E até me parece que v. ex.^a, por muito que leia teimosamente não quer vêr para além do espaço que percorre o fumo do seu charuto.

Por isso, nós que estamos com os homens do mais alto pensamento contemporaneo, deveremos parecer reaccionarios ao liberalismo ferrugento de que v. ex.^a ainda agora se dia apostolo.»

E, após estes impiedosos dizeres, chanceia a minha «especie intellectual»; dardejia-me a cruel frase de que sou «homem de idade»; e olimpicamente regouga-me, pois assim se diz dos rapasinhos, que elles, os Integralistas, «não prêem nos direitos do homem, nem na vontade nacional, nem no povo soberano». Emfim, e n'isto se resume tudo, o sr. Raposo acha-me tão velho e combalido, tão incapaz de ascender aos radiosos tôpos em que elles tuteiam «os homens do mais alto pensamento contemporaneo» que até me offerece a escolha d'um S. Paulo que me traga o seu crédo ao domicilio.

Um dia, não ha mezes, recebi em casa um bilhete com o nome de «Hipolito Raposo». Julguei, então, ser do terrivel e sarcastico demolidor, tão desdenhoso para as minbas enfermidades e senectude. Não me admirou de o receber, pois tenho ideias de, em tempo, me haver endereçado palavras calorosas n'um jornal e até escripto uma ou duas cartas muito amaveis pelo correio. Hei-de procurar nas collecções do «Diario de Noticias», e nas montanhas temerosas de cartas que ainda conservo dentro dos armarios. Se o sr. dr. Hipolito Raposo me tivesse encontrado em casa, d'onde saíra, eu ter-lhe-ia dado o desgosto de pôr os olhos n'um busto de Gambetta, aquelle plebeu fiel á sua casta, aquelle inferior de talento e caracter, que tinha, na frase do duque de Orléans, o «culto apaixonado e exclusivo da França e da Revolução». Se um dia, após esta conversação á boa paz, me honrar com a sua visita, esconderei o meu pobre Gambetta adentro da estante sobre cujo friso superior repousa, e porei no seu logar o busto do absolutista frade Fortunato de S. Boaven-

«Primeiro de Janeiro»
13 abril 1915

tura, autor do «Punhal dos Carcundas», que é uma das «publicações aconselhadas» na «Nação Portuguesa», revista de filosofia política da juventude integralista. Não ha melhor livro, desde o titulo suggestivo até aos escorralhos de fel e sangue das suas paginas, para ensinar a mocidade que não creia «nos direitos do homem, nem na vontade nacional, nem no povo soberano». Para educador de almas, não se pode aconselhar melhor!

Depois, fai-o-la sentar junto de mim, ao pé da «cangada poltrona», onde tenho burguezmente curtido as picadas da gotta adormecida a unturas e as dores do figado abeberado de compressas d'agua a ferver. E' aborrecido, para pessoa que anda tu cá tu lá com «os homens do mais alto pensamento contemporaneo», o avisinhar-se assim de inferno tresandando unguentos; mas teria o prazer de encontrar, ao lado da «cangada poltrona», n'uma das estantes do meu gabinete de trabalho, duas interessantes obras suas, que um dia terão alto valor historico como rubricadas da sua mão. O «Janeiro» já as conhece, porque lhes fiz aqui encomios que não retiro. Intitulam-se — agora mesmo as estive folheando — *Livro de Horas e Sentido do Humanismo*. O primeiro é escripto, sendo o sr. Raposo «escolar de leis na Universidade»; e, o segundo, é uma dissertação para concurso á Faculdade de Letras de Lisboa, concu so que deve ter sido muito brilhante e que por certo já fez ascender o joven e illustre escriptor ao professorado que tanto vai honrar. Olho-os com uma tristeza que nem o sr. dr. Hipolito Raposo pode imaginar. Quando se chega á idade que roça já pelo inverno, a queda das energias fisicas e facultades intellectuaes é terrivelmente veloz! O sr. Raposo encontra-me, e com razão, pessoa cangada, digna de piedade, tão mesquinha que o cerebro já não pode reconhecer as locuções d'elle e dos «homens do mais alto pensamento contemporaneo»: e ainda não ha muitas semanas, offerecia-me o seu segundo trabalho com uma dedicatoria de «muita admiração»; e, o primeiro, tem estas frases tracejadas pela sua mão em 26 de novembro de 1913, ainda não ha 2 annos: «com a maior admiração». Pois, no espaço de semanas e a menos de dois annos, a doença que me tem na «cangada poltrona», e o peso dos meus annos de «homem de idade», como o sr. dr. Hipolito Raposo despidamente lembra, faz perder aquella «admiração» que aliás sempre tomei á conta de exclusiva polidez amavel, e despenhar-me no abismo dos inuteis e incapazes! Tenho que me resignar á dura condição imposta pelo desdem possante d'este campeador do Integralismo.

Censura-me elle, com a superioridade que lhe reconheço, a escolha dos livros que, n'esta «cangada poltrona», me foram companheiros de inverno. Aconselha-me outros. Atrevo-me a dizer que, com excepção de dois já de muito commendados para França e demorados pela guerra, eu conhecia os restantes livros e até de Gustave Le Bon fizera citações n'esta gazeta. Com a superioridade de quem convizinha dos «homens do mais alto pensamento contemporaneo», instiga-me á leitura das «Rãs», de Aristofanes, tambem, nos tempos de mocidade, anteriores áquelles em que eu merecia a «maior admiração» do illustre publicista, me recreava no coaxar d'esses batraquios. Lembra-se? As rãs, diante de Baco, Caronte e o escravo Xanthias, rouquejam:

«Bre ke kea, coa, coa, bre ke kea, coa! Humidas fillas dos charcos, una a nossa voz harmoniosa os seus himnos aos acentos da flauta, coa, coa!...»

As inchadas rãs, que assim se jactam de melodias no grasnar, pensava eu ao lér pela vez primeira esta scena da comedia grega, como lembram os «aristocratas feitos á pressa» — a que nós damos os nomes de improvisados e os francezes de *parvenus*, na frase do *Novo Principe* tão venerado pelos mocinhos Integralistas — e os filhos da humilde gente que a Revolução Franceza trouxe á tona da sociedade e que esquecem o deverem-lhes a posição, e beneficios e liberdades de que gosam! Como ás cantadeiras dos paues, a vaidade entontecce-as. As rãs attribuem-se voz harmoniosa; e, ellas, engrandecidas por aquella Revolução que desamarrou seus pais e avós de oppressão e preconceitos, attribuem-se o desdem pelos seus principios, repulsando a liberdade, egualdade e fraternidade, como se viessem de principes ou derivassem dos privilegiados da nobreza e do trono! As rãs de Aristofanes são as dos tempos de hoje!...

Emfim, sem por fórma alguma discutir o Integralismo, porque assim nol-o vedou o publicista consocio dos «homens do mais alto pensamento contemporaneo», quereíamos que elles nos explicassem uma coisa. Como é que, vivendo n'essa alta e clara atmosfera do pensamento moderno, lêem por Evangelhos que trescalam o bafio dos annos? Eu me explico: no passo que o sr. dr. Hipolito assim remoga as suas doutrinas, diz o sr. dr. João do Amaral — sem offensa para nenhum dos outros! — o mais lucido e sistematizador propagandista dos novos ideaes em que se rebalsam varios jovens coimbrãos e doutores de fresca data, o seguinte, na «Ideia Nacional»:

«...Tudo quanto a moderna Sciencia Politica sem exceptuar a demopsicologia de Le Bon, veio affirmar-nos, já em Portugal tinha sido dito com uma intelligencia por vezes clarividente, pelos desconhecidos tratadistas do legitimismo. Eu citarei apenas, para que qualquer possa verificar a verdade d'esta affirmação, as obras de tres d'esses mestres do nosso espirito: «Dissertação em favor da Monarquia», pelo marquez de Penalva; o «Novo Principe», pelo dr. Gama e Castro; e o «Desengano», de José Agostinho de Macedo.»

Então, sorvem a triantal ambrosia do pensamento contemporaneo e, riham na ossada antiga, já bastante esfazelada pela polilha das sepulturas, d'aquelles escriptores miguelistas? Em que ficamos, mancebos? Remato, obediente á intimação de não discatir o Integralismo; e, reverenciando tão intelligente e desdenhoso contendor, entrego-me á sua generosidade para que perdõe os fracos dizeres do achacoso cronista que, da sua «cangada poltrona», lhe lembra, para grangear perdão do atrevimento, as vozes de Affonso Mendes na comedia de D. Francisco Manuel de Mello:

Sou velho, já fui mancebo,
coisa que, mal que lhes pese,
virá por vossas merces.

Worm citations na carta diarias
de Alvaro

